

Da crise vivida pelo País emerge um novo Sarney

Haroldo Hollanda

O Governo, sob a chefia agora do presidente José Sarney, só começará efetivamente a mover-se e a tomar iniciativas políticas próprias a partir da celebração, provavelmente no sábado da Missa de Sétimo Dia a ser oficiada em memória do falecido presidente Tancredo Neves. É possível que amanhã ou depois já ocorram algumas conversas políticas, as quais pouco prosperarão, em virtude dos constrangimentos naturais a que todos ainda se sentirão presos.

Acredita-se que na próxima semana venha a se registrar a primeira reunião ministerial sob a orientação direta do presidente José Sarney. Examina-se, desde já, entre integrantes da equipe ministerial, a forma como eles apresentarão um pedido coletivo de renúncia ao presidente José Sarney. Há duas hipóteses sendo analisadas: a renúncia seria feita em documento conjunto assinado por todos os ministros.

Na hipótese da reunião ministerial registrar-se na próxima semana, ao ministro Fernando Lyra, da Justiça, por questão protocolar, caberia a missão de interpretar os sentimentos de todos os seus demais colegas de Governo, formalizando, verbalmente, o gesto da renúncia. Com essa atitude, os ministros pretendem deixar o novo presidente à vontade para tomar as decisões consideradas por ele como mais convenientes ao seu governo, embora todos estejam conscientes de que ele não tenciona, pelo menos por enquanto, mudar nenhum dos seus colaboradores imediatos.

Os políticos que acompanharam mais de perto nas últimas 48 horas as cerimônias fúnebres ocorridas em Brasília notaram um perfeito entrosamento entre as famílias do presidente José Sarney e do falecido presidente Tancredo Neves, especialmente no que toca ao relacionamento entre D. Risoleta Neves e D. Marly Sarney. Houve um momento em que D. Marly teve as suas lágrimas enxugadas por D. Risoleta. Noutras oportunidades, D. Marly Sarney ofereceu, através de gestos e palavras, sua solidariedade e seu apoio à D. Risoleta. Finalmente, ontem pela manhã, o presidente José Sarney fez questão de pôr ao seu lado e de D. Marly, em posição de especial relevo, para o recebimento de cumprimentos oficiais no Planalto, o neto do falecido Presidente, o Sr. Aécio Cunha. Antes, havia mandado colocar o nome de D. Risoleta no livro de Personalidades de Mérito da República. O apoio pessoal e político da família Neves ao novo governo será de fundamental importância para Sarney nos seus primeiros meses de administração, funcionando como uma espécie de ponte e respaldo junto à opinião pública nacional, no entender de vários políticos.

Políticos que estiveram domingo à noite no Palácio Jaburu, logo após ser anunciada oficialmente a morte do presidente Tancredo Neves, dão o seu testemunho pessoal de que encontraram no presidente José Sarney um novo homem, provido e investido, em todos os seus atos pessoais, de autoridade presidencial. Sarney já não convocava para consultas Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves ou Marco Maciel. Como exemplo expressivo, cita-se o fato de que, dispensando audiências prévias e sem aguardar pela manifestação do Congresso, tomou ele próprio a iniciativa de comunicar, em mensagem dirigida ao Legislativo, que já se encontrava no pleno exercício da Presidência da República. Para assumir essa atitude autônoma o novo presidente deve ter se sentido com suficiente respaldos políticos e militares.

De acordo com a opinião desses mesmos políticos, o passo político seguinte do presidente Sarney será o de consolidar a Aliança Democrática, formada pelo PMDB e pela Frente Liberal. Há estimativas de que em breve a bancada da Frente Liberal poderia ver crescer o número de seus integrantes na Câmara para 150 deputados, com novas adesões partidas da Bahia, Sergipe e Rio Grande do Sul. O Governador João Durval, da Bahia, e o Ministro Antônio Carlos Magalhães abandonariam o PDS, fortalecendo com as suas adesões não só o partido da Frente, como a própria Aliança Democrática. Conversas no mesmo sentido estão sendo realizadas com o deputado gaúcho Nelson Marchezan. E o deputado Augusto Franco, de Sergipe, deve ter nos próximos dias um encontro definido e decisivo com o ministro Aureliano Chaves, o qual lhe abriria em definitivo as portas da Frente.

Advertência de Gencher

Tendo vindo ao Brasil em meados do mês passado para assistir à posse do novo Governo brasileiro, o ministro das Relações Exteriores da Alemanha Ocidental, Hans-Dietrich Genscher, convidou para tomar o café da manhã na Embaixada do seu país em Brasília o então vice-presidente Aureliano Chaves, que se fazia acompanhar do senador Jorge Bornhausen, em vias de assumir a presidência da Frente Liberal. No decorrer da conversa mantida com aquelas duas personalidades políticas nacionais, Genscher lhes fez a advertência de que a nova política de informática aprovada pelo Brasil tende a nos deixar não só bastante atrasados nessa área em relação aos países mais desenvolvidos, como cria sérios embaraços e resistências à uma renegociação da dívida externa brasileira.